

Coluna do Castello

Das entrevistas do presidente

O diálogo e não o monólogo, a liberdade da pergunta e a oportunidade da resposta — eis o que demonstrou a entrevista coletiva do presidente José Sarney ser a opção mais adequada da comunicação com a imprensa e com a opinião pública. O discurso presidencial deve limitar-se ao *statement* — para usar a expressão americana — curto e concreto mediante o qual se faz uma comunicação essencial que dispensa o diálogo e o debate nos termos da sua brevidade, concisão e impacto.



A entrevista do presidente José Sarney, que imagino ter sido sugerida pelo jornalista Getúlio Bittencourt, ainda teve suas falhas, sobretudo devido ao impulso oratório do presidente de República e à sua convivência com a tribuna parlamentar e a tribuna popular, mas foi de longe o mais eficaz instrumento de liberação do pensamento do presidente, das suas idéias e das suas diretrizes nem sempre ostensivas, instigadas pelas questões oriundas de fontes múltiplas e suscitando problemas de irrecusável atualidade.

Não se ficou ali no texto elaborado sobre os borrões dos assessores e repassado pela vocação literária do sr. José Sarney. Pela primeira vez tivemos o presidente induzido a falar sobre temas, previsíveis, presumíveis mas não selecionados por sua assessoria. Vale insistir que o debate com liberdade supera qualquer outra forma de comunicação, sobretudo quando feito ordenadamente, posto sob controle o tumulto dos microfones e das caras ansiosas de repórteres impelidos a aproveitar alguns minutos de contatos eventuais.

A entrevista coletiva é, nos tempos modernos, o grande meio de comunicação dos presidentes norte-americanos, sobretudo a partir de Roosevelt, com sua nação. O presidente De Gaulle a implantou na França, embora preservando as características imperiais da sua personalidade mas sem cercear a autonomia dos interlocutores. No Brasil tivemos poucas experiências desse gênero de comunicação. A primeira entrevista coletiva de um presidente brasileiro foi a concedida por Getúlio Vargas, entre março e abril de 1945, já sob pressão do movimento político que o destituiria do poder. O diálogo travou-se com os principais redatores dos jornais do Rio de Janeiro no salão de reuniões do Palácio do Catete e destacou-se pelo nervosismo dos interlocutores sem que jamais se perdesse a compostura que Vargas sabia sempre preservar.

Novamente Getúlio Vargas voltaria a conceder uma entrevista coletiva quando, presidente eleito, na véspera da posse, recebeu toda a imprensa nos jardins da residência de Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que o hospedava. Nela o repórter Mário Garófalo fez a famosa pergunta sobre a opinião do presidente a respeito da promoção de vendas a baixo preço das casas Gebara. O pitoresco do episódio não chegou a quebrar a gravidade da entrevista.

O presidente Dutra não concedia entrevistas, a não ser individuais. A única que tentei com ele, já fora do governo, frustrou-se pelo espanto que lhe causou a primeira pergunta. O presidente Juscelino Kubitschek era do diálogo informal, do encontro aberto no qual confundia com seu charme a agressividade dos repórteres. Compensava, no entanto, a imprensa recebendo jornalistas para conversas íntimas nas quais dizia mais do que devia e com entrevistas individuais, algumas de repercussão.

O sr. Jânio Quadros foi o primeiro presidente a conceder entrevistas coletivas com estrita organização, precedida de convocação, de abertura de prazos para perguntas sem prejuízo da liberdade de se fazerem perguntas no curso do próprio encontro e de convites aos principais colunistas políticos para participar direta ou indiretamente do diálogo. Havia uma certa solenidade e havia encenação, com tradução simultânea para o inglês e o francês, e a presença de toda a sua casa civil e militar à sua retaguarda. Era um quadro que, na conformidade da personalidade em questão, guardava algo de teatral.

Depois disso, voltamos a conversas informais e quase confidenciais de João Goulart, substituído por militares dos quais um só, o general Castello Branco, concedia entrevistas a grupos de jornalistas mas em ambiente familiar que impunha limitações à liberdade do diálogo travado em local público. O presidente Geisel travou famoso diálogo com repórteres no trem bala do Japão. O presidente José Sarney fez agora sua primeira entrevista coletiva de estilo presidencial. Pela liberdade das perguntas e das respostas, ofereceu à nação a primeira oportunidade de conhecer sua "análise profunda" dos embargos da vida brasileira e das soluções que preconiza, independentemente das conveniências que lhe impõem os limites de um governo de coalizão no qual se dizimam esquerda e direita.

Daqui por diante não há por que hesitar, principalmente se o presidente se dispuser a preferir o tom coloquial ao tom enfático do discurso, reduzindo seu tempo de exposição para que mais e mais perguntas lhe sejam feitas e mais clara se torne sua avaliação do maior número de problemas.

Carlos Castello Branco